

PROGRAMA · 4 À 29 MARÇO

DCE UNICAMP



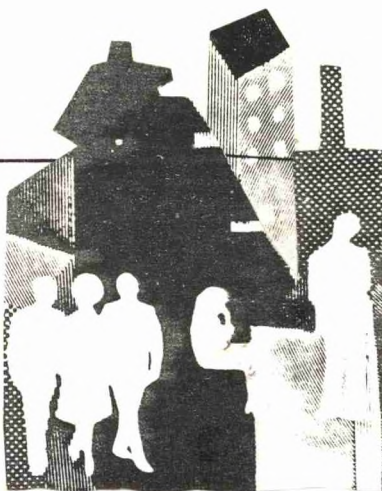
UNICAMP

CALOU 85 RA DA



ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

APRESENTAÇÃO



Você, calouro, que veio pela primeira vez na Unicamp em fevereiro para matricular-se, rodeado pelos pais, tios, tias, amigos, primos, vizinhos e parentes de até 7º grau - prontos a entrarem em ação ao menor odor de ovo no ar ou a presença de algum barbudo num raio de 100 metros - deve ter notado que todo esse aparato defensivo foi desnecessário.

Na Unicamp não há trote físico há anos. E neste período foi criando-se um clima extremamente amistoso e pacífico, com os C. As. e o DCE (Diretório Central dos Estudantes) passando a preparar atividades para a recepção aos calouros, como shows, teatro, festas, etc., tirando a Unicamp do triste e medíocre cenário dos trotes físicos, ainda hoje existentes em quase todas as Universidades do país. No ano passado, o DCE passou a pensar na recepção aos bichos, a "Calourada", com mais seriedade, vindo por outro ângulo o mês de março. Fizemos então uma grande sequência de atividades, que incluía as festividades de inauguração da Casanova dos Estudantes - DCE

Unicamp —, que ao longo do ano se firmou como importante espaço cultural da cidade.

Agora, em 85, a "calourada" cresceu, fruto da experiência que o DCE adquiriu neste primeiro ano da Casanova, ao produzir e estruturar eventos que iam desde lançamento de filme ("Memórias do Cárcere"), show no campus do "Lingua de Trapo" e Renato Teixeira, até um concerto sinfônico para 10.000 pessoas.

Esta programação que está prevista para março agora, começou a ser elaborada no começo de dezembro, antes mesmo de você ter prestado os exames da Fuvest, e representa não só a maior recepção a calouros do país, mas a consolidação de uma atuação cultural séria.

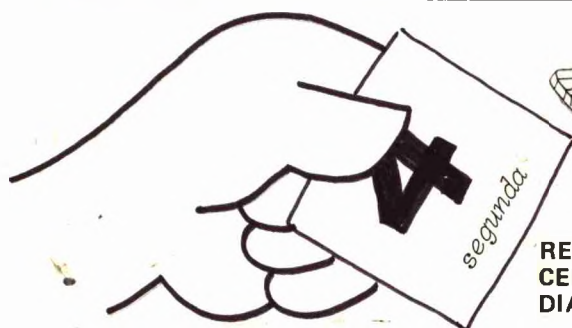
Eis algumas pessoas que irão participar do trote cultural do DCE: João Bosco, Aggeli, Elias Boaventura, Glauco, Eduardo "Cabra" Coutinho, Dalmo Dallari, Lula, Renato Tapajós, Eliete Negreiros, Alencar Furtado, Caruso, Roosevelt Cassorla, Itamar Assumpção, e outros. Serão mais de 40 atividades ininterruptas, entre os

dias 04 e 29 de março, no campus, na Casanova, no Centro de Convivência, no Cine Serrador, etc. Banda de carnaval, corais teatro, shows, jazz, trio elétrico, cinema, debates, num verdadeiro teste a sua resistência física. Todo este conjunto de eventos foram programados visando a sua integração mais rápida com a Unicamp e a cidade. É importante que você se entrose rapidamente, pois 85 contém uma importância enorme para os universitários da Unicamp: a luta pela escolha direta do nosso reitor, através de eleições abertas à comunidade (estudantes, funcionários e professores).

Você notará que aos poucos a Unicamp irá se envolver totalmente neste tema, atingindo o clímax no segundo semestre. Prepare seu coração e sua empção. Em poucos dias você sentirá que os diversos problemas da Unicamp, restaurante, transporte, nível de ensino estão diretos e intimamente ligados às eleições diretas para reitor.

A nível nacional somos colocados a discutir a questão ad "Constituinte", e o DCE trará este debate para dentro da Universidade, a partir da "Calourada", com um papo com Dalmo de Abreu Dallari.

Pois é, calouro, você está ingressando num período que terá fatos políticos importantes, em vários níveis. Caberá a você, como novo universitário, utilizar seu senso crítico, em todas estas lutas, participando e influenciando nelas. 85 será um ano fascinante, e esperamos que você se envolva no clima que está por se fazer. Abraços!

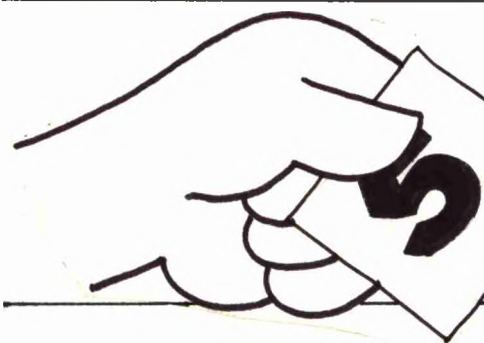


RECEPÇÃO AOS CALOUROS PELOS CENTROS ACADÊMICOS.
DIA 04, 2ª TODO O DIA

No primeiro dia de aula, dia 04 de março, talvez o que menos tenha sejam aulas, para determinados cursos. É que alguns

C. As. — Centros Acadêmicos — estão preparando diversas atividades para você, calouro. Serão visitas às dependências da

sua faculdade ou instituto, aos laboratórios, além de bate papos que serão fundamentais para sua adaptação na Unicamp, relativas ao curso, à universidade, à Campinas e aonde se encontra a cerveja mais gelada do Campus; estas informações fundamentais que você teria em uns dois meses de vida acadêmica, pode recebê-las em um dia, durante este papo com o C. A. Na Unicamp encontramos cerca de 15 centros acadêmicos; conheça a programação que o seu está preparando. Alguns terão atividades que coincidirão com as do DCE, e sugerimos que você dê preferência as do C. A., pois são mais específicas e mais diretamente ligadas ao ambiente que estará a sua volta nos próximos anos de curso (uns 8, né?).

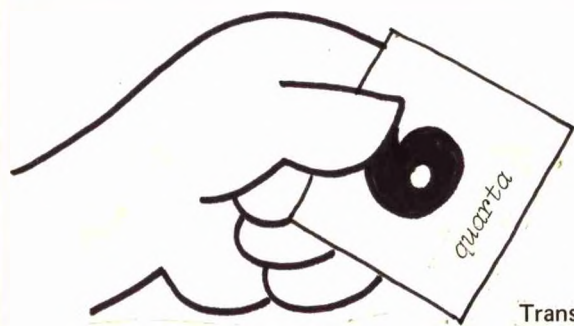


A Aula Inaugural deste ano, promovida pelo DCE, terá como palestrista convidado o Retiro da Universidade Metodista de Piracicaba, o Prof. Elias Boaventura. Retiro de posições progressistas, com situação de destaque dentro do Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras - CRUB - e detentor do respeito de sua comunidade universitária, o Prof. Elias Boaventura veio a se tornar realmente conhecido do grande público, infelizmente

por uma situação lamentável: sua demissão por questões ideológicas.

Os protestos vindos de entidades da sociedade civil de todo o Estado e mesmo do restante do país, serviram para reverter a situação de exceção arbitrária, que foi criada ao se destituir um Reitor que merecia o apoio e o respeito de sua comunidade.

Hoje com sua demissão anulada, a UNIMEP volta à normalidade,



SHOW DE MÚSICA

ZEEP

12h30 no Básico

Transcrito da Revista Imagem.

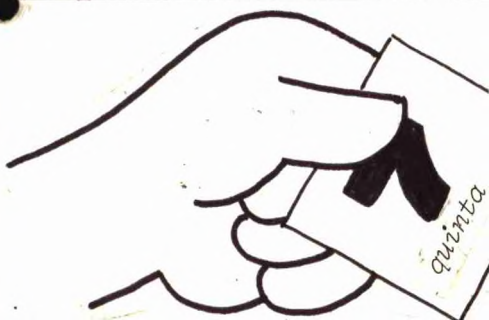
De repente, Campinas abriga um artista apocalíptico. Isso é que é a proposta merecedora de espanto, o resto é conversa fiada.

O expoente do estado de espírito metropolitano reside em Campinas. Não

perguntou e nem quer saber se agrada - simplesmente despreza comentários. Existe para mostrar o lado feio do homem capitalizado, embevecido com a neurose corriqueira.

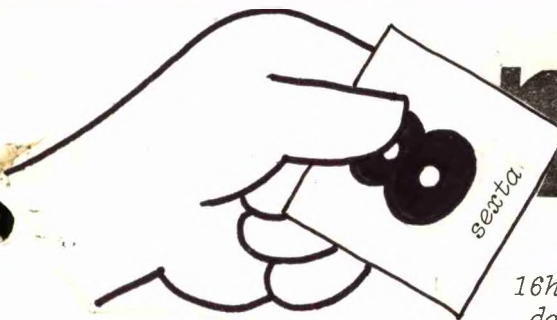
Essa proposta é um tanto quanto chocante

quando posta para a leitura de quem gosta de ver as coisas com o sabor que satisfaz as conveniências mais imediatas. Através da conhecida música concreta, Zeep interpreta o neurótico, as bombas, o louco, e os ruídos do cotidiano. Tudo isso dentro de uma proposta musical de melodias curtas, variadas e sem sentido harmônico. A dissonância é outro elemento que Zeep vai buscar, junto com a percussão, no próprio corpo, com muita expressão. O visual do espetáculo é surrealista, bem agressivo. Apesar disso, Zeep vê o homem como o próprio universo; acha que a música é uma percepção à procura do amor. Sua proposta é mostrar o estado de conflito do homem atual diante das forças de destruição. Basta um Zeep para dizer que Campinas tem referências metropolitanas do fim do século.



A Universidade Brasileira e especialmente as Universidades Estaduais Paulistas, se defrontam hoje com um momento de crucial importância para seus destinos. Em primeiro lugar, uma chance óbvia se configura, com o advento do novo governo federal e a proximidade da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, de conseguirmos trazer para a pauta do dia a discussão da política educacional do país e, em especial, a discussão sobre o ensino e a pesquisa universitária.

Como membros da comunidade universitária, nós alunos, não podemos abdicar de discutir e participar de tudo o que vem sendo feito e se fará em termos de Reforma Universitária, sob a pena de vermos outros decidindo por nós, sobre interesses também nossos. Poderemos entrar na discussão sobre tudo isto já a partir do dia 7, quando se dará um amplo debate sobre a Universidade, com a presença de representantes do DCE, Governo Estadual, e das três Universidades Paulistas.



CB 10 - 12h30

NOVO CINEMA PAULISTA

TRIO ELÉTRICO

16h00 no estacionamento da Química e Física

"TZUBRA TZUMA" — de Flávio Del Carlo. Desenho animado de ficção científica, uma reflexão sobre o destino da humanidade, um alerta contra a corrida armamentista e a lógica do suicídio coletivo. Narra a viagem de um casal de astronautas numa nave pássaro que cruza corpos celestes simbólicos, é sugada por um buraco negro, sai do outro lado do universo e pousa no planeta Bitinique.

"MATO ELES" — de Sérgio Bianchi. De como os últimos índios da reserva, de Manguinhos, no sudoeste do Paraná estão sendo suavemente exterminados com o conluio dos que os deviam proteger. Sérgio Bianchi estrutura a sua narrativa como um teste de múltipla escolha. A resposta final é que Manguinhos não tem um problema índio — tem um problema branco.

"FUZARCA NO PARAÍSO" — de Regina Redha. A fase mais divertida do cinema brasileiro foi a das chamadas chanchadas musicais, que em grande parte parodiavam os musicais americanos. E foi nessa linha que se realizou Fuzarca: uma homenagem aos musicais da Metro e às imitações que deles se faziam no Brasil. O filme conta a trajetória da furreca cantora de novelinhas Cidinha Pelourinho rumo à Broadway, às custas do poderoso e competente Marcos Lasanha, o empresário.

SE CHOVER, TUDO BEM

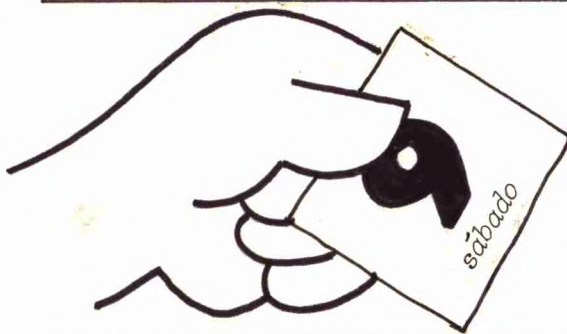
Este evento está sendo preparado para aqueles foliões que observavam as festas pernambucanas/baianas pela TV e iam pular nos bailes rotineiros de carnaval paulista.

Vamos estacionar os 3.000 watts de som do caminhão da Coca-Cola no estacionamento da Química/Física, armando também uma barracinha com cerveja a preço de custo, cachaça e querosene de graça. (Nos dias finais do semestre passado fizemos uma festa semelhante, só que São Jorge não deve ser muito ligado ao frevo: quando a coisa esquentou caiu o maior toró.

Este ano, caso chova novamente, a festa será transferida para a banquinha de jornal do Básico ou então para o Serca).

CURTAS PREMIADÍSSIMOS

Em abril do ano passado o DCE exibiu na Casanova um conjunto de curtas e médias metragens (16 filmes) produzidos nos últimos anos por cineastas paulistas, compondo um cenário razoável do filão do cinema nacional atual. Destes curtas/médias, selecionamos três fitas que maior receptividade tiveram durante a programação: o desenho animado "Tzubra Tzuma", melhor curta metragem do Festival de Gramado/83; o média "Mato Eles", censuradíssimo (melhor curta metragem do Festival de Brasília/83 - júri popular e oficial) e a sátira às chanchadas nacionais em "Fuzarca no Paraíso" (prêmio Glauber Rocha, Salvador, 83). A seguir, uma rápida sinopse destes filmes paulistanos.

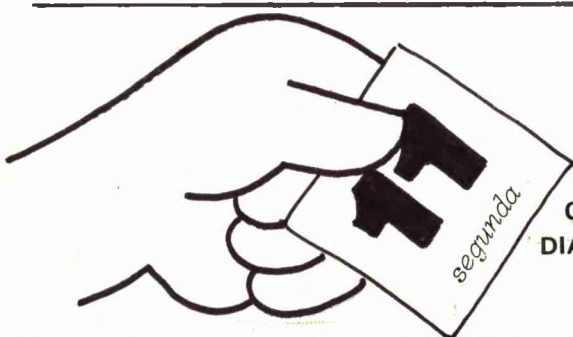


AS CORES DA MÚSICA LATINOAMERICANA

21:00 hs, SÁBADO - C.C.C.



O novo show do Grupo CHASKI, "Arco Iris", tem sua proposta inicial baseada na música vernácula latinoamericana, motivada por um ideal cultural estudantil já conhecido por boa parte do público jovem. Esta proposta acompanha o grupo desde a sua criação, há quase um quarto de século, e "o público vem demonstrando cada vez mais uma maior compreensão da nossa proposta musical", e ao mesmo tempo entendendo as dificuldades de se "expressar com sinceridade a idéia da importância do intercâmbio cultural como fonte geradora de conhecimento". O CHASKI ao longo de sua trajetória teve uma renovação muito grande, passando pelo grupo inúmeros músicos, dos mais variados países, trazendo-lhe contribuições pessoais ao que é hoje seu produto final: um conjunto rico e colorido em permanente harmonia com o passado latinoamericano. Neste show "Arco Iris" serão apresentadas músicas das regiões onde os ritmos nos são mais familiares, proporcionando ao público maior participação. Hynuano, san juanito, cuequita, carnaval, morenada e outros ritmos compõem o show; o repertório popular latinoamericano serão interpretadas canções como a valsa e o joropo, estando previsto também músicas de diversos ritmos de autoria de Guilherme Noriega, integrante do grupo. Completam o Chaski mais quatro músicos: Javier (percussão) e Julio (cordas e vocal), peruanos; Fili (sopros e vocal), boliviano e João (cordas e vocal), brasileiro.



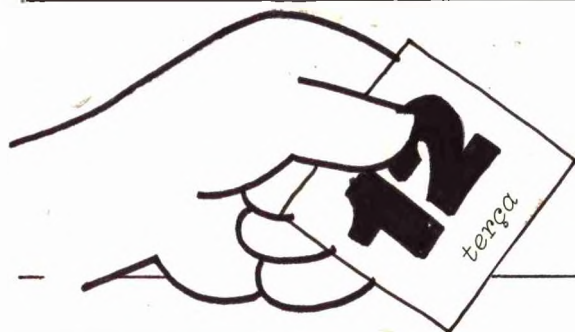
O NOVÍSSIMO CINEMA PAULISTA DIAS 11 E 12 2ª, 3ª, 12:30 hs. BÁSICO

Três filmes de curta metragem, representativos do chamado novíssimo cinema paulista, todos eles dirigidos por Ana Muylaert, 20 anos, estudantes de Cinema da Escola de Comunicações e Artes - ECA USP, serão exibidos pelo DCE na CB-10, dias 11 e 12 às 12:30 hs. Entre os três trabalhos, o principal ponto em comum é a extrema preocupação em

usar recursos específicos da linguagem cinematográfica. Trata-se de "O Sétimo Artesão" (1983), obra definida pela diretora como "metalinguística, surrealista, new wave", tendo como personagem principal uma diretora de cinema que é uma bruxa; "Hot Dog" (1983), apresentado com o poema cinematográfico, obra conjunta com



Márcio Ferrari, e Paixão 20 (1984), que segundo Ana Muylaert é "um filme metropolitano sobre o problema da comunicação entre as pessoas". Após a exibição dos filmes, na 3ª, haverá um debate com a realizadora Ana Muylaert.



‘ORIGEM’

21:00 hs. - C.C.C.

O ritual de um povo da terra. O Grupo "Origem" conquista o seu espaço em Campinas. A proposta é definida pela vivência do folclore rural. O "Origem" foi o primeiro conjunto a se apresentar na Casanova dos Estudantes da Unicamp. Em meio a tantas tendências agressivas, manifestações de protestos e esse humor debochado e eschado, que anda por aí, surge em Campinas um grupo portador

de uma mensagem de união, É o grupo "Origem". Esse grupo revive com a musicalidade e a sensibilidade artística do caipira, referenciando a identidade cultural em espaço mais amplo: a América Latina.

O som desses mineiros desperta uma força de afinidade. O ritmo sensibiliza o íntimo junto à verdade de uma identidade cultural globalizante. Nas letras reside a filosofia de viver bem com o habitat natural.

Está presente um estilo de vida fortificado por costumes, tradições e credos populares. A proposta não propõe retorno às origens, nem saudosismo; sugere avanço na direção do progresso, sustentando a idéia de povo de fé e perseverante, conhecedor de seus sentimentos. A linguagem revive a energia do ritual da comunicação do homem sulamericano com sua natureza.

O ponto de encontro desses mineiros em Campinas, talvez não seja mero acaso, mas o que importa é que continuam apenas

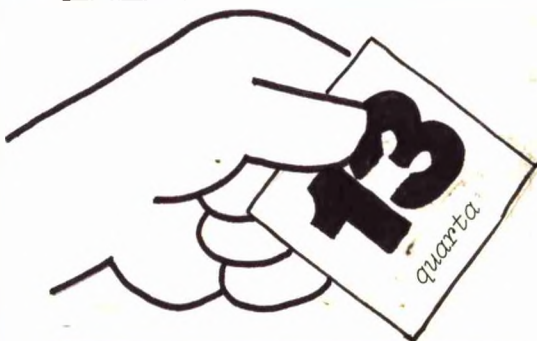


Músicas latinas no som do "Origem", dia 12

sobrevivendo. O reconhecimento é a força necessária para prosseguir nesse campo artístico. Campinas, por sua vez, é como um laboratório para esse grupo, que antes de pensar em agradecer, tem o forte

compromisso com a sua proposta. Até o momento não se conflitou, satisfaz o público com integridade, sem estrelismo.

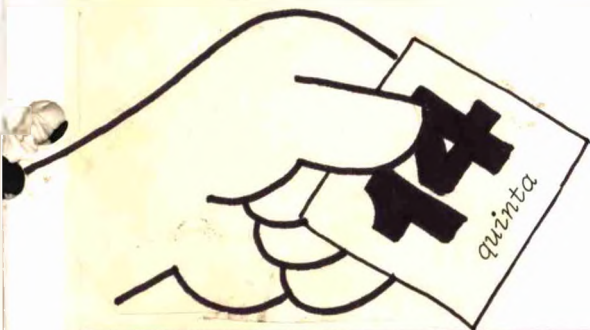
Texto transcrito da revista Imagem.



CORAL TELESP DIA 13, 4ª, 12h30 BÁSICO

Assim como quase todas as grandes empresas, que contam com um número considerável de empregados, a Telesp mantém algumas atividades sociais e de lazer, como por exemplo um coral formado por funcionários dos mais diversos níveis e hierarquia. Os ensaios são feitos normalmente durante o intervalo de almoço e à noite, sendo o Grupo — regido por um estudante da Unicamp.

SHOW PRÓ TUCA
Local: Centro de C.
21h00 - Cr\$ 1.000
Um ato cultural de
solidariedade, com
verba destinada à
sua reconstrução.



PROBLEMAS EMOCIONAIS COMUNS NO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Palestra/debate com
ROOSEVELT CASSORLA
12h30 - Círculo Básico

21h: O som incrível de ELIETE NEGREIROS

&
Banda feminina

Local: Centro de Conviv.
Ingressos: 4 mil anteci-
pado (DCE) e 5 mil normal

É possível se fazer uma análise nua e crua dos processos de mudança sofridos pelos novos universitários, dentro de seu novo meio e de uma vida abruptamente ligada a um curso superior?

Como se dá este processo, intenso, que coloca lado a lado ganhos, vitória no Vestibular, aumento de auto estima e desenvolvimento pessoal) e perdas (frustrações, desespero), provindas da interação do indivíduo com a situação ambiental.

A desidealização dos pais (de todos-poderosos e inaláveis, vistas agora como seres humanos limitados); o desejo de "independizar-se", contrapondo-se à saudade da proteção do lar e os

sentimentos de culpa (conscientes ou inconscientes); a mudança de cidade, com a euforia de maior liberdade se opõe a uma série de fixações passadas; a idealização exagerada sobre a universidade, o curso, os professores, e às vezes, a si mesmo; logo o estudante descobre que o seu curso deixa muito a

desejar, a universidade tem mil defeitos (na democracia interna, por ex.), os professores não são gênios (alguns limitados até) e, pior ainda, começam a perceber que tem dificuldades em acompanhar o curso, em interessar-se pelas matérias, e, gênio que era (por ter passado no vestibular), vê-se de repente

medíocre, infeliz, limitado.

O desprezo pelas fatores emocionais e sociais do estudante, visto como máquina de fazer créditos, e não ser humano provoca a solidão; a dissociação curricular e a realidade; o desinteresse das docentes/pesquisadores; a ligação a modismos religiosos, científicos, ideológicos, grupais na procura de segurança.

Neste debate, o professor Roosevelt também abordará o problema da moradia, o relacionamento com os professores, os problemas financeiros, as dúvidas vocacionais, etc.

Este debate provocará, no mínimo, muita discussão, e reflexões.

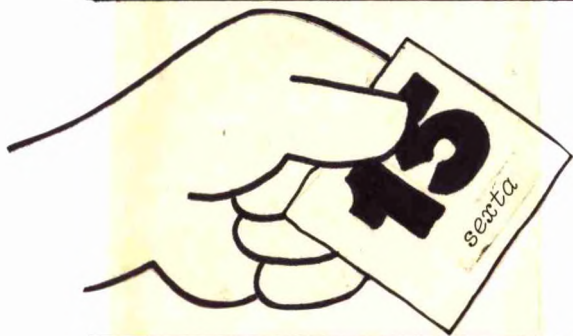
**O SOM URBANO E PAULISTA
DE ELIETE NEGREIROS
DIA 14, 5ª, 21:00 - C.C.C.**

A vocalista, instrumentista e arranjadora Eliete Negreiros, 32 anos, amiga há dez anos e ex integrante do grupo de Arrigo Barnabé, resume assim o show que ela iniciou há cerca de um mês na sala Guiomar Novaes, da Funarte, e que irá apresentar no Centro de Convivência: "É uma síntese de uma história musical, numa combinação de memória, através de músicas antigas, e de novo, desconhecido".

Na realidade, o show, a se entender pelo roteiro, marca-se por um repertório eclético: "Eliete interpreta desde Tom Jobim, com incursões jazzísticas à la Billie Holiday, desnudando o som paulista e urbano de Arrigo Barnabé e aterrisando com uma performance musical, "Time", onde entra um sintetizador, som de pratos, liquidificadores, facas elétricas, metrônomo, sons e efeitos e muito mais. Em tudo isso, Eliete é acompanhada por uma banda feminina, quase desconhecida do público (existe há três anos), a **Kali**, formada por quatro jovens, todas arranjadoras, compositoras, com formação erudita e jazzística: Renata, 22, guitarra; Gê, 25, no baixo; Vera, 27, na bateria; e Mariô, 31, teclados. São elas que abrem o show, com três músicas: "Da Tequila", de Léa Freire (ex-integrante do grupo), "Rush Hour", de Marcus Miller, e "Funk do Tank", de Renata Montanaro. Em seguida, Eliete interpreta um poema de Maiakvsky ao som, numa fita, de uma peça de Stochhausen. Depois são mostradas músicas de Luis Melodia, Tim Maia e Itamar Assumpção (que também participará da "Calourada 85" - DCE): "É o som nervoso e urbano que entra no show", diz Eliete. Temas do filme Casablanca e um sucesso de Billie Holliday - "Lady Sings The Blues" -

entram em cena para dar um clima mais cool, da mesma forma que "Ave Maria", de Vicente Paiva e Jayme Redondo. Finalmente, Eliete se apresenta numa performance futurista, com sons experimentais, terminando o show com "Tudo Está dito", de Arrigo Barnabé e Augusto Campos, e "Vovó Era Tão Moderna", de Gilberto Mifune. A cantora diz que, apesar do show obedecer um roteiro, "é apenas o trabalho de uma idéia, onde o jogo de espelhamento é fatal".

Ir até todos os opostos no som musical, como de Arrigo à Jobim, ou vice-versa, não a incomoda: "Quando há uns dez anos eu comecei a entrar na música dodecafônica, levei um choque, porque cada som tem uma estrutura. Agora está tudo bem. Eu tenho uma boa memória musical de boa qualidade. O universo de Jobim é diferente de um Arrigo, mas ambos são belíssimos e coexistem de forma harmônica, assim como o som eletrônico é música contemporânea que a gente também pode dominar".

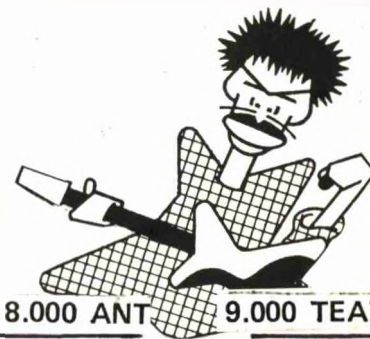


12h30 no Círculo Básico:

FEIRA DE MÚSICA

e
21h00 - Centro de Convivência:

ITAMAR ASSUMPÇÃO



8.000 ANT 9.000 TEATRO

FEIRA DE MÚSICA ESTUDANTIL



Durante o ano de 84 a Cultural do DCE promoveu diversas atividades no campus, e esta teve um destaque especial, marcada pela descontração e descompromissos com o formal. Imitações grotescas de artistas, interpretações sérias e improvisos compõem o cenário desta Feira, que se

tornou um dos eventos que mais pessoas atraem ao Básico. E participa quem quiser, com violão, pente, vigü ou caixinha de fósforo. Basta se inscrever na sede do DCE (ao lado do restaurante novo). Ou então participando histericamente no público, como tiete...

Itamar Assumpção, a todo vapor

"Nem venha querendo você se espantar". Sua cara plácida e o falar grave e lento enganam os que pensam que o Itamar Assumpção que sobe ao palco é o mesmo tranquilo pai de família, morador do bairro da Penha, com duas filhas pequenas — de 7 e 4 anos. Segundo sua própria descrição, quando canta, junto com a banda "Isca de Polícia", não existem amigos, não existe a família, só o império dos sentidos sonoros. "Eu sou um ator, embora meu trabalho não seja teatral. Minha música é minha dramatização. É um tipo de trabalho novo, que não vejo sendo feito por outras pessoas no Brasil", diz ele.

Acostumado à reação de surpresa dos mais diversos públicos, depois de 3 anos, dois discos de produção independente ("Beleléu" e "As Próprias Custas"), e um relativo sucesso de público em São Paulo, Rio, Belo Horizonte, em março, Itamar, a irmã Denise — que o acompanha em todos os shows — e a banda "Isca de Polícia", pegaram o "trem" do Projeto Pixinguinha da Funarte e foram todos rodar as capitais do Nordeste, onde Itamar não havia estado desde o começo do movimento da música independente de São Paulo, no fim de 1979, quando despontaram Arrigo, "Premê", "Rumo" e ele mesmo.

Foram seis meses de shows para públicos novos, surpresos com sua música, mas curiosos por conhecê-la. "É a mesma reação que eu costumo ver aqui", conta. "Na primeira meia hora, as pessoas ficam meio quietas, observando. Depois, começam a se soltar, e aí ou gostam ou não, mas reagem. No Nordeste o contraste é maior porque os shows são abertos por grupos jovens locais, que fazem um show mais regional".

Hoje, ele tocará uma compilação do repertório de sempre, como "Nega Música", "Batuque", uma recordação negra da experiência dos Quilombos, "Denúncia", que compôs para a apresentação no "Festival MPB Shell" de 82, "Peço Perdão" e "Fico Louco", que depois de ser

encaixada na trilha sonora da novela "Os Adolescentes", da TV Bandeirantes, tocou muito no rádio, e acabou ficando como seu cartão de visitas para quem não o conhece, e outras músicas, entre as quais se incluem composições recriadas de Adoniran Barbosa e Marina. De certa forma, o show marca o fim de um ciclo. Agora, depois de mostrar seu trabalho para públicos nunca dantes visitados, o objetivo é mudar de rumo.

A todo vapor

"Há muito tempo eu recebo convites para trabalhar em peças de teatro, como ator. Zé Celso Martinez Correia queria que eu fizesse um papel na peça 'Acordo', que ele vai montar. Eu trabalharia junto com o

Arrigo, mas acabou não dando certo, eu estava muito envolvido com o trabalho no 'Projeto Pixinguinha', e não queria perder. Depois a Miriam Muniz me chamou para fazer uma peça, adaptação de um texto do Fassbinder, que fala do preconceito social e racial. Eu também não pude aceitar, mas agora, quando acabar essa temporada, quero me dedicar a isso".

O teatro não é novidade para Itamar, que desde os 14 anos "leva a vida no palco", e trabalhar com Miriam Muniz será uma abertura para mostrar isso ao público paulista, que só o conhece como cantor e compositor. "A peça mostra o amor de uma mulher de 60 anos por um jovem negro de 20. Agora eu estou apto a fazer o papel. Quero mergu-

lhar nisso. Até mesmo pela minha vida particular esse trabalho faz sentido: eu sou negro, casado com uma mulher — a Zena — branca e mais velha que eu. Eu vivo a condição que a peça mostra. Além disso, a equipe é a melhor que há no Brasil. Os cenários serão feitos pelo Flávio Império, com direção de Celso Nunes, e Miriam Muniz é uma das pessoas mais capazes do teatro brasileiro hoje".

Outros planos: "Quero fazer um show na quadra das escola de samba Nenê da Vila Matilde, perto de minha casa, para o público do meu bairro, que me cobra os shows, mas não imagina como é difícil trazer a banda toda, marcar uma data legal, alugar aparelhagem de som. Eles já tinham me convidado, e agora eu vou poder fazer o show. Esse pessoal não vai a teatros da Zona Sul, não lê a 'Folha', mas é um público muito interessado por tudo que acontece". Além disso, a performance realizada no festival da Globo, em 1982, com a música "Denúncia", será gravada em um compacto — Itamar já prepara a capa —, e as músicas arranjadas e compostas nos últimos meses estão sendo reunidas visando um novo LP.

"O problema de gravar um LP é a questão da grana. Se for para fazer em estúdio, eu precisaria da produção de uma gravadora. Se for para gravar ao vivo eu posso fazer sozinho". Tudo isso demanda tempo. O compacto deve sair antes do fim do ano, mas o novo LP só no meio do ano que vem. E a peça teatral é para o início de 85, "depois de muito ensaio".

Para Itamar, os caminhos do palco, da música ao teatro, são todos fugazes ("Do português rapidinho"), diz, em uma referência a Marina, que visitou São Paulo no último fim de semana. E fugaz será também sua dedicação ao teatro. Fugaz, mas intenso — "Full-gás", por que não dizer? "Em 1982, depois de 18 anos dedicados à música, eu ganhei o prêmio de 'Cantor Revelação' da APCA. E a Marina ganhou o de 'Cantora Revelação'. Além dessa coincidência, neste show eu canto 'Full-gás', uma música que é lindíssima, mas que, tocando em FM o dia inteiro, as pessoas não notam como a letra é bonita". Para exemplificar o trabalho de recriação da canção, pega o violão e, na pequena sala de sua casa, ilumina-se, sorri, e canta, dando uma ênfase especial para o verso que diz "e a gente faz um país".

"É isso que o Brasil está precisando. A gente quer fazer um país. Cada um na sua atividade, o Brasil todo quer fazer um novo país. E isso é possível para todos. Só quem não demonstra essa dedicação ao original são os políticos. Na profissão que eles escolheram, eles não são tão criativos como nós, das outras áreas."

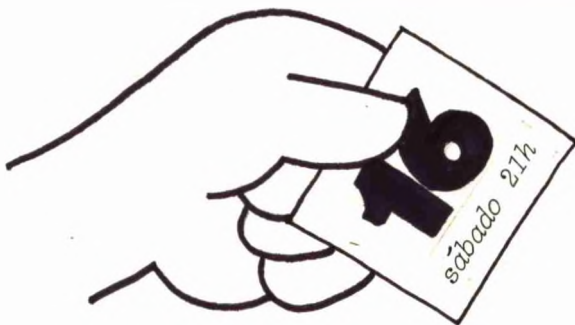


Itamar: homenagem a Marina

agosto de 1984

LEÃO SERVA

Editor-assistente da "Ilustrada"



UMA PRESENÇA ESPECIAL: JOÃO BOSCO

Em meados de dezembro do ano passado, enquanto avançávamos a preparação desta "Calourada 85", rodeados de idéias por todos os lados, surgiu uma proposta de se trazer uma atividade que tivesse ligações extremamente fortes com o meio universitário nacional, independente das cotações de status que a indústria cultural impõe. E chocamo-nos com uma agradável coincidência: João Bosco acabava de

por à luz um novo trabalho, o LP "Gagabirô". Iniciamos os contatos no Rio, e uma surpresa ao conhecermos seus dois empresários: o violão Suguiyama e sua esposa, Angela. Agora cabe a nós esperar os momentos de magia de João Bosco, figura que imediatamente nos traz à memória as imagens de Aldir Blanc, Elis, César Camargo, Capinam e grande parte da história da MPB dos últimos 15 anos.

O cantor e compositor João Bosco está cheio de novidades. Recém-chegado do Japão, onde conquistou o primeiro lugar do Festival de Música de Yamaha (semelhante aos nossos antigos Festivais Internacionais), com a música "Pretaporter de Tafeté" está lançando seu décimo elepê, "Gagabirô", e tem a agenda cheia até o início de 86, com torneés pelo Brasil, Europa e uma volta ao Japão.

Por enquanto, porém, seus assuntos prediletos são o álbum novo e o Festival, que lhe abriu mais um mercado no exterior. As duas coisas estão interligadas. João conta que foi ao Japão lançar "Gagabirô" e fazer dois shows, em Tóquio e Sendai, exclusivamente para pessoas ligadas a música, promovidos pela Yamaha e pela revista "Latina", uma publicação japonesa sobre a música popular na América Latina.

Com a sua estada coincidia com o festival, ele escreveu "Pretaporter de Tafeté", um gostoso samba composto em Paris, selecionado entre 1.900 músicas de mais de 50 países.

Apesar de ter sido apresentado com João Bosco ao violão, e mesmo tendo a letra e música brasileiríssimas, sem qualquer relação com a música japonesa, nem com sua realidade, o samba fez enorme sucesso.

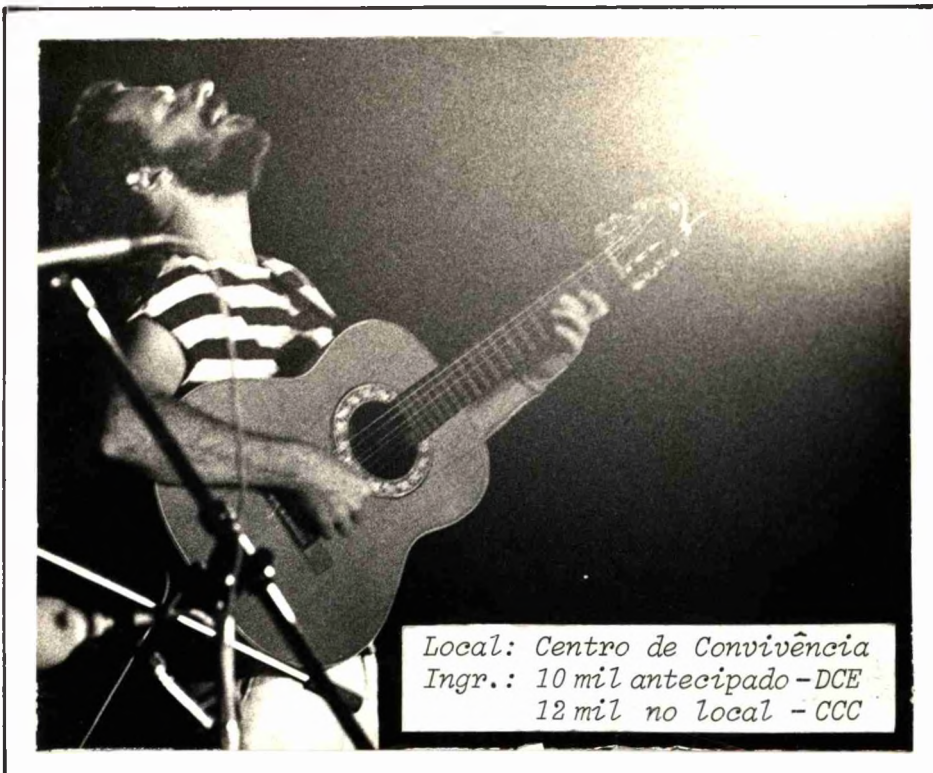
João explica: — Este samba nasceu quando eu estava pensando em outro, o "Se acaso você chegasse", que fala muito de malandragem, e usa palavras francesas. Eu estava em Paris e fiquei pensando na elegância do malandro — porque malandro tem que ser elegante, senão é picareta —, na mania que eles tinham de usar palavras francesas, *l'argent*, prá cima de *moi*, etc.

Foi quando resolvi juntar tudo isso num samba. Quando toquei para eles verem como era, o maestro japonês adorou. Tanto que sugeriu — e todos concordaram — que o samba deveria ser apresentado assim mesmo. Inclusive os músicos japoneses não conseguiam tocar com o balanço que ela deveria ter, e a música foi apresentada assim mesmo, acompanhada somente com o violão no Festival. Foi um sucesso e o primeiro lugar está aí.

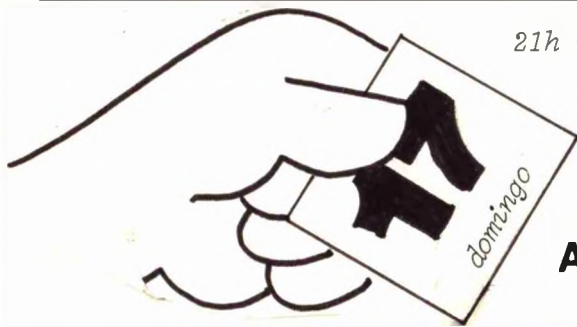
A VOZ, UM VIOLÃO E TODOS OS RITMOS

Usar uma só voz e violão é um caminho que João Bosco vem trilhando há cerca de dois anos. No início, diz ele, o motivo era econômico, pois custa muito caro contratar uma banda e viajar com ela para todo lado. Entretanto, esse recurso deu certo e suas apresentações em Montreux, no ano retrasado, e no Circo Voador, em 84, aí estão para confirmar. João considera "Gagabirô" um disco basicamente, de voz e violão, embora todas as faixas haja outros instrumentos. Isso porque os arranjos, assinados pelo próprio Bosco, por Ivan Paulo, César Camargo Mariano e Radamés Gnattali, têm por função ressaltar a voz e o violão do artista.

— Quando compnho para um disco, já vou pensando quem vai tocar comigo, a ordem em que as músicas irão entrar, quem vai fazer os arranjos. Neste elepê, trabalhei muito junto de minha mulher Angela, que ia fazendo os bonecos de machê". O novo álbum tem de certa forma, um pouco de toda a música anterior de João Bosco. Os sambas enredos por exemplo, estão presentes, sempre em parceria com Aldir Blanc: "Jeitinho Brasileiro", com citações da marcha de carnaval "Lourinha", de Braguinha (e uma promessa na própria letra, de pagamento dos direitos autorais) e "Dois Mil e Índio", uma apologia dos blocos de sujo. Aldir Blanc é também autor do hoje internacional "Pretaporter de Tafeté", com seu coquetel de palavras francesas e afrancesadas, e "O Retorno de Jedai", sobre as agruras de um casal suburbano. Outro parceiro é Capinam, em "Papel Machê", uma homenagem à habilidade artística de Angela, mulher de Bosco, e "Imã dos Ais", recordando a cantora peruana Ima Sumac. Belchior é autor da letra de "Senhoras do Amazonas", uma ode àquele rio, mas as letras mais curiosas são do próprio João Bosco, como "gagabirô", misturando português, dialetos africanos e palavras inventadas por ele. Com o elepê já nas lojas, João Bosco prepara agora o seu lançamento. (Reportagem transcrita do jornal carioca "O Globo", de autoria da jornalista Beatriz Coelho Silva).



Local: Centro de Convivência
Ingr.: 10 mil antecipado - DCE
12 mil no local - CCC



21h - Centro de Convivência

SINFÔNICA JOVEM & ALGODÃO N'OREIA

A primeira geração do Algodão formou o grupo (segundo semestre de 1982) para cantar, cantar gostoso entre amigos, escolhendo repertório, palpitando, perguntando, inventando..., e a primeira peça, a "Vida Urbana" de Marcos Leite, persistiu isso: surgiu a representação-brincadeira, o teatro-jogo não como proposição teórica mas pela energia da vivência.

O Algodão N'Oreia cria sua linguagem

própria reunindo a expressão musical à teatral e, assim, possibilitando firmar, a cada momento, um coral cênico, mas sempre e insistentemente um grupo. Não existe o diretor teatral, não há o regente e as cenas não tem autor. A orientação musical e teatral vem de dentro do grupo. A Bia e o Marcelo participam de cada momento como todos nós. Colocando no trabalho às experiências individuais, transmitem-nos o

conhecimento específico de música.

O grupo Algodão numericamente não é grande, um dos fatores que possibilitam o palpite de todos até o resultado final, e o espaço é aberto para quem toca, compõe, escreve, desenha... Se o primeiro estímulo para a criatividade aparecer, é o musical, ele se completa num contexto cênico.

A relação com a platéia é a mais diversa: as crianças participam espontaneamente, envolvem-se até mesmo com a renascença. Quem tem mais idade, não importa quanto mais, também viaja. Talvez seja isso, o repertório variado e colorido é uma viagem em espaço, tempo e movimento comuns, entre quem o propõe e quem dele participa.

O ALGODÃO N'OREIA é formado por:

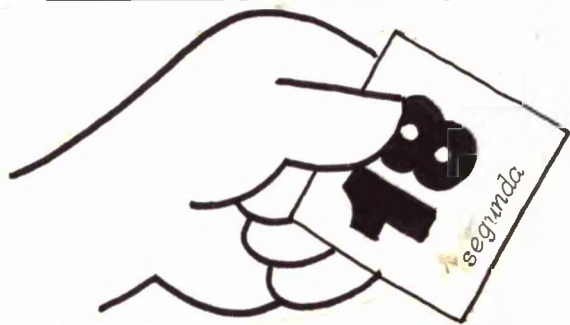
Sopranos: Dô, Rezinha e Ritinha.

Contraltos: Iris, Bia e Miriam.

Tenores: Paulinho, Briner e Inácio.

Baixos: Brian e Marcelo.

- Cr\$ 2 mil

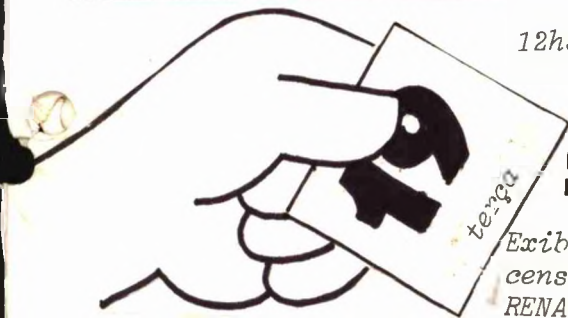


Apresentação musical

"CORALATEX"

12h30 - Ciclo Básico

Coral formado por estudantes da própria Unicamp, de diversos cursos, regidos por Marcelo Onofre.



12h30 - Pintura dos Painéis de concreto do Básico

EM NOME DA SEGURANÇA NACIONAL
DIA 19, 3ª, 20:00 hs. CASANOVA

Exibição do filme (proibido pela censura) e debate com o realizador
RENATO TAPAJÓS

O regime implantado no Brasil através do golpe de estado de 1964 tinha uma ideologia. A da "segurança nacional", introduzida nos países latino-americanos através de seus militares treinados nos Estados Unidos.

De acordo com a Doutrina da Segurança Nacional o mundo está dividido em dois blocos. De um lado a civilização ocidental, cristã e capitalista, liderada pelos Estados Unidos. De outro, o materialismo ateu e comunista, liderado pela União Soviética. Dentro deste mundo dividido, o destino do Brasil está irrevogavelmente subordinado à liderança dos Estados Unidos. Internamente isso significa que se

trata de uma guerra contra todos os cidadãos que não aceitam essa idéia. São eles os inimigos, são eles os obstáculos para que a nação alcance os objetivos nacionais.

No Brasil, essa ideologia foi codificada numa lei de Segurança Nacional (LSN), que permitiu a instauração de um regime de terror e arbítrio. Centenas de assassinatos, de mortes na tortura, de "desaparecimentos", além de toda a espécie de violações aos direitos humanos, fazem o balanço dessa lei.

Em 1983, a Comissão de Justiça e Paz, apoiada por várias organizações da sociedade civil, organizou um tribunal

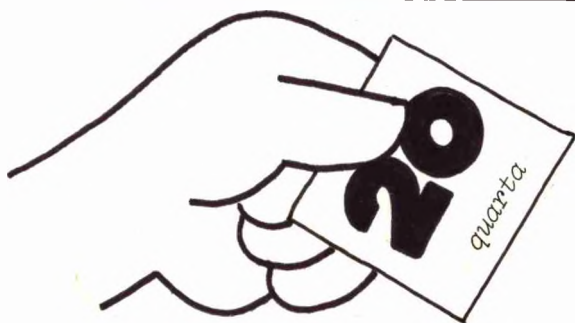


simbólico, inspirado no Tribunal Bertrand Russell, para julgar a Lei de Segurança Nacional. Chamado Tiradentes em homenagem ao mártir da luta pela independência do Brasil, o Tribunal foi →

composto por respeitadas figuras da vida pública e presidido por Teotônio Vilela, o grande cruzado da redemocratização do país, falecido pouco tempo depois. Em Nome da Segurança Nacional, é um filme documentário sobre o Tribunal Tiradentes, registrando os seus momentos culminantes. No entanto, o filme não fica encerrado no teatro em que a LSN

é condenada. Ela vai aos arquivos da história recente para apresentar seqüências ilustrando a ascensão da ditadura militar a sua consolidação no poder, o treinamento de oficiais brasileiros pelos americanos, o clima de insegurança e de terror implantado pela LSN na vida diária. Depois do julgamento, a LSN foi modificada e alguns aspectos conservando, entretanto,

os princípios da Doutrina da Segurança Nacional e segue em vigor, fazendo novas vítimas. A luta pela sua revogação continua. Nessa luta, o Tribunal Tiradentes e sua divulgação, através deste filme dramático, constituem arma importante. Após a exibição será realizado um debate com o diretor Renato Tapajós.

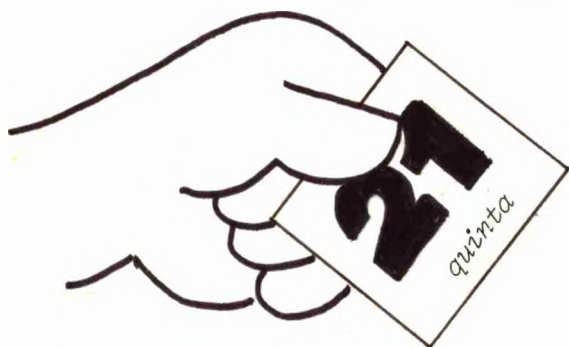


SHOW DE JAZZ NA RUA

DA CASANOVA 21 horas

CONJUNTO "A BANDIDA"

R. DR. QUIRINO 1404
CENTRO - CAMPINAS



CONSTITUINTE
DIA 21, 5ª, 12:30 hs. BÁSICO

O jurista Dalmo de Abreu Dallari estará conosco para debater a questão da Constituinte. Figura eminente da comunidade jurídica deste país, o prof. Dallari — ele também é docente da Faculdade de Direito da USP — foi um dos primeiros, dentre os seus colegas a defender a tese da Convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, Livre e Soberana. Lembremos do primeiro semestre de 1977, a Nação apresentada por mais um remendo à Constituição — pacote de Abril — quando o semanário Movimento lançou uma Revista Especial sobre a Constituinte, e lá estava o Prof. Dallari expondo sua tese.

O jurista não só defendeu a proposta como lutou por ela, no campo então adverso da Oposição Política ao Regime Militar. E talvez por isso formou, nele e em tantos outros, a idéia de que a Constituinte não deve ser apenas um mero "reordenamento jurídico do país", como se o único problema da nossa Constituição fosse o fato de ter sido extremamente remendada nestes últimos anos. Não.

A própria experiência de inúmeros juristas — ele, um dos mais ativos — na defesa dos trabalhadores em suas greves e mobilizações alertou-nos para a necessidade de um aparato institucional que garanta direitos aos "de baixo", ou seja, a Constituição não pode ser um instrumento de manutenção dos privilégios dos "de cima". Hoje, quando a tese da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte tem todas as condições políticas para viabilizar-se é momento de mobilizar-nos para aprofundar esta idéia. Ou, pelo menos, para evitar um engodo.

E se o DCE está lançando o debate na praça com o Prof. Dalmo Dallari, em plena calourada, tal um bom motivo para começar esta mobilização na Universidade.

TA BAILE
DIA 21, 5ª, 21:00 hs. CASA NOVA

Com muito entusiasmo e alegria a inspiração de Agnaldo Rayol e Silvio Mazuca ganhou espaço na CALOURADA 85, promovendo uma verdadeira aproximação de gerações, jovens e menos jovens, todos num co-congratamento grandioso neste ano internacional da juventude.

A FESTA BAILE, obra maior dos dois maravilhosos artistas, apoiada no trabalho inexpressável de Branca Ribeiro, ao promover a tentativa de revivificação humana, musicada através de composições modernas e atuais, leva sua diletta entidade à atuar conjuntamente com enorme presença de espíritos, neste esforço belo, tal qual o belo rufar de nossos corações o esforço de promover mais uma FESTA BAILE. Uma FESTA BAILE especial para todos os calouros.

Eles merecem. Vindos dos mais distantes rincões do país, estes bem afortunados representantes de valiosas tradições brasileiras estão, agora, junto de nós.

É uma ação de vida. Como disse nossa querida Hebe, a FESTA BAILE é "o hoje sempre ao recordar o tempo em que todos nós cantávamos para nossos amores à janela". Lembrem-se? Dance na FESTA BAILE ao som de expressiva Orquestra e aproveite para mostrar a mais nova peça rigor de seu guarda-roupa. Dia 21 às 21:00 horas na Rua Casanova. Ou dia 23 no mesmo horário e local. Ou nunca se for cancelada por falta de verba.



1º Ano - Casanova-DCE

CASANOVA

FESTA DA CASA
DIA 22, 6ª, 20:00 hs. - CASANOVA

A CASANOVA DCE UNICAMP, centro cultural dos estudantes comemora, numa grande festa, seu primeiro ano de atividades.

Espaço importante no cenário cultural da cidade, a CASA representa uma conquista fundamental para os estudantes, porque nela se implementa uma política cultural onde os produtores de bens culturais administram os equipamentos e os espaços.

A Rua Dr. Quirino, palco de manifestações marcantes, estará novamente interditada aos veículos para dar lugar à cultura e ao lazer.

Oito horas da noite: início da Festa. Músicas variadas e Vídeo sobre as atividades do primeiro ano.

Nove e meia da noite: saída do Trio Elétrico do Ginásio do Regatas, após o término de um show exclusivo aos estudantes da PUCC, puxando-os até a Rua Dr. Quirino. Dez horas da noite: chegada do Trio Elétrico. Início de uma Festa de Carnaval com banda de metais e percussão. Até o sol raiar.

Será a noite mais agitada de março.

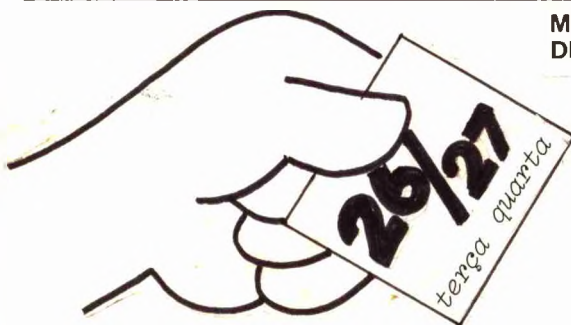


20h00 na Casanova dos Estudantes,
ENCONTRO DE CARTUNISTAS e lança-
mento/autógrafo de livros de
charges. Presença de Luis Gê,
Angeli, Glauco, Laerte e outros.

SIMPLESMENTE HOMENS DIA 25, 2ª, 12:30 hs. - BÁSICO

O texto de Ademir Freixo, autor
brasiliense, recebe neste trabalho um
tratamento de teatro absurdo.
Existencista em seus diálogos, o
petáculo põe conceitos velhos contra
a parede, desnuda atos cotidianos
carregados de contradição e usando uma
grande carga de simbolismo tenta atingir

o espectador diretamente procurando
uma ponte entre a cênica e o subconsciente.
Montada por Alê, Geraldo Júnior e
Baldo Marques, coordenadores do
Teatro da Casa a peça pretende ser a
primeira de uma série de montagens,
oficinas, palestras, debates e outras atividades
que fazem parte do programa do Teatro da Casa
Teatro da Casa para 85.



MOSTRA DE TRABALHO CORPORAL DIAS, 26, 27 3ª, 4ª 12:30 hs. BÁSICO

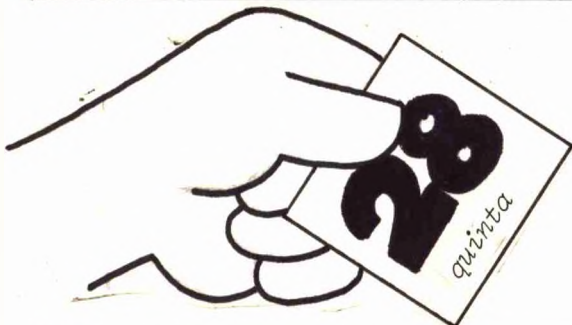


Nono corpo na vida quotidiana tem um
especho de movimentos, gestos e atitudes
ligados à utilidade ou à cultura. Ele foi
educado a agir de um modo determinado di
diante de uma determinada situação.
Um exemplo simples é a atitude de um
indivíduo sentado em uma cadeira e de
pernas cruzadas. Se pensarmos nos
movimentos e atitudes no século XVI,
segundo os documentos que nos restam,
esta atitude de pernas cruzadas
praticamente inexistia. Existem os que

se beijam com o nariz, os que se
cumprimentam com um aperto de mão,
outros com uma ligeira inclinação da
coluna, etc.
Poderíamos pensar então em uma
"técnica quotidiana" de movimentos
gestos e atitudes. Esta técnica é assimilada
de forma quase inconsciente no
contato do indivíduo com as regras e
normas do comportamento e da
comunicação corpórea da sociedade.
Quando subimos em um palco, a

comunicação toma uma dimensão
diferente daquela que mantemos na vida.
Ora, a técnica quotidiana de movimento
corpóreo não mais responde às exigências
da comunicação cênica. Faz-se então
necessário a aquisição de uma outra
técnica, uma "técnica extra-quotidiana".
Nono corpo fala segundo normas bem
diferentes das da comunicação verbal. É
interessante estudar o especho de po
possibilidades tanto do movimento corporeo
como o da comunicação do corpo.
Neste atelier que nos propomos dirigir,
pretendemos trabalhar o corpo em
situações extra-quotidianas de modo a
permitir a cada um uma comunicação
por meio do corpo que não se limite
à técnica puramente quotidiana.

Luiz Otávio Burnier
Prof. do Departamento de Artes Cênicas
do Instituto de Artes Unicamp.
Marília de Andrade
Coordenadora do Depto. de Artes
Corporais do Instituto de Artes.



ENCONTRO DE CORAIS DIA 28, 5ª, 12:30 hs. - BÁSICO

A CONJUNTURA NACIONAL EM DEBATE DIA 28/3 ÀS 20 HS. EM FRENTE À CASANOVA



A UNICAMP, por incrível que pareça,
tem organizados em seu interior quase dez
corais, todos eles criados e constituídos
por estudantes de vários cursos e faculdades.
O Canto Coral é uma das principais formas
de atuação artística e participação dos
estudantes, levando este ano à realização

Je um Encontro onde a preocupação maior
será, além do incentivo mútuo a troca de
informações de repertório.
O Encontro de Corais, dia 28 no Salão
Sobre reunirá os seguintes corais:
Coral Unicamp, Coral da Biologia,
Coral da Matemática, Coral da Química,

Coral da Engenharia de Alimentos e
convidados, Madrigal In Casa, Algodão
N'Oreia, Coralatex e Coral da PUC.

Sua participação é importante, de certa
forma até como aprendizado. Quem sabe,
no próximo, você estará cantando.



Todos sabemos que nosso país vive um momento decisivo no processo de sua redemocratização, desde o momento em que, sob um misto de frustração e esperança, assistimos à vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, no último 15 de janeiro.

Por um lado a frustração era inevitável, já que apesar de toda a movimentação do país no sensacional movimento das diretas para presidente, não conseguimos participar da sua escolha da forma efetiva que esperávamos.

Por outro lado uma esperança nos invadiu sorrateira e timidamente, visto que começamos a vislumbrar, já no governo de Tancredo Neves, a possibilidade de realmente vermos acontecer as tão necessárias mudanças que o país exige. Tais mudanças por certo não virão como presentes de nosso novo governo, mas sim como conquista popular, na

continuidade de mobilizações reivindicatórias como o movimento das diretas. Isso representará o fundamental "peso" de ser colocado pelo povo sobre a "balança" de poder, que se configura no Governo Tancredo Neves; que num lado trás setores ligados ao regime militar e as elites digamos assim "inteligentes", desejosas de "pequenas mudanças" que não afetem muito os seus privilégios (setores alinhados no PFL e parte do PMDB), e do outro lado os setores comprometidos realmente com as classes populares, interessados em amplas mudanças (presentes no PMDB, PT, entidades da sociedade civil, etc.)

Traçada essa visão do que se configura no país, em nosso modo de ver, restam dúvidas de como se conseguir as mudanças sem continuar nas mobilizações populares, de como fazê-las serem bem sucedidas, já que sabemos que a delicada "balança de poder" pode a qualquer momento quebrar-se para um dos lados com consequências indesejáveis.

Surgem então as polêmicas discussões sobre a validade ou não do "pacto social"; sobre os riscos de "nossa balança" se emperrar numa posição de inércia; sobre a fundamental questão da Constituinte... Enfim é a nossa conjuntura política pegando fogo e caindo na boca do povo, como há muito tempo não se via, o que diga-se de passagem já é um grande progresso...

Como forma de iniciarmos na UNICAMP a discussão sobre tudo isso, faremos neste dia 28 de março à noite um debate sobre conjuntura nacional, com figuras de vulto representativas dos principais partidos.

CALOURADA 85" - DCE UNICAMP

Coordenação de Programação:

- Luis Augusto Iba, coordenador Cultural do DCE
- C. Rafael Vasconcellos, programador da Casanova

Colaboração: Paulinho, Juliana, Emílio, Cícero, Rosa, Anselmo, Dô, Vanildo, Vima Brandeburgo, Ana Myllaerte, Otávio Burnier, Marília de Andrade, Zeep, Roosevelt Cassor Borghi, D. Rosária, Renata e D. Francisca, Flávio Florence, Bia, Angela Mucci, Orlando, Faddul, Jorge, Sérgio, Ubaldo, Geraldão Solteirão, Elismes, Silvia, Lucinha, Cidinha, Milton e Mauro Cornacchia, Carlo, Marquinho, Roberto, Gil, Mirza, Adilson, Sandra, Rufino.

LIVROS

DESCONTOS
ESPECIAIS
PARA
UNIVERSITÁRIOS

papirus

SACRAMENTO 114 F 83742
SACRAMENTO 202 F 86422 - 29438
BERNARDINO DE CAMPOS 1087 F 325753